ISSN 2237-1508
PragMATIZES-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura
Niterói/RJ, Ano 16, n. 30, jan. a dez. 2026
www.periodicos.uff.br/pragmatizes
Dossiê "Formação em organização da cultura", volume I

Entre conhecimentos tradicionais e acadêmicos: caminhos de pesquisa, formação e colaboração no Consórcio Universitário Cultura Viva

Maria Alice Gomes Alves[1]

Guilherme Varella[2]

Luana Vilutis[3]

RESUMO: Este artigo tem como objetivo apresentar a Cultura Viva como plataforma de atuação acadêmica, evidenciando suas atividades como vetores de pesquisa e formação, e discutir a metodologia desenvolvida pelo Consórcio Universitário de Cultura Viva (Consórcio) no âmbito do projeto "20 Anos de Cultura Viva: Pesquisa e Formação", no que toca às ações específicas da UFBA. A iniciativa, fruto da colaboração entre a Secretaria de Cidadania e Diversidade Cultural (SCDC) do Ministério da Cultura e o Consórcio Universitário Cultura Viva (UFBA, UFF e UFPR), pretende, entre outros objetivos, integrar os conhecimentos acadêmicos e tradicionais, também compreendidos, de forma ampla, como populares e comunitários. A abordagem metodológica, de matriz freiriana, promoveu um deslocamento epistemológico ao transformar agentes culturais em sujeitos do conhecimento e fortalecer a cidadania cultural por meio do diálogo e da participação social ativa. A pesquisa é emblemática como instrumento de articulação entre Estado, universidade e sociedade civil no sentido de gerar evidências que subsidiam as políticas públicas de cultura, sobretudo as de base comunitária, como um campo vital de inclusão produtiva e transformação social.

Palavras-chave: cultura; Cultura Viva; pesquisa e formação; Pontos de Cultura; Consórcio Universitário Cultura Viva.

Recebido em: 28/02/26 | Avaliado em: 17/06/26
Publicado em: 02/10/26

[1] Doutoranda e Mestre em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestre em Economia e Política da Cultura e Indústrias Criativas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pesquisadora do Consórcio Universitário de Cultura Viva, pela UFBA. E-mail: alicegalves12@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-8975-2078.

[2] Doutor em Direito pela Universidade de São Paulo. Docente da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Coordenador do Consórcio Universitário de Cultura Viva, pela UFBA. E-mail: guilhermevarella@ufba.br. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-3618-082X.

[3] Doutora em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Integrante do Observatório da Diversidade Cultural (ODC) e o Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (CULT/UFBA). Coordenadora do Consórcio Universitário de Cultura Viva, pela UFBA. E-mail: luanavilutis@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0009-0003-2299-1837.

Como citar:
ALVES, Maria Alice Gomes; VARELLA, Guilherme; VILUTIS, Luana. Entre conhecimentos tradicionais e acadêmicos: caminhos de pesquisa, formação e colaboração no Consórcio Universitário Cultura Viva. *PragMATIZES-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura*, Niterói/RJ, Ano 16, n. 30, p. 1-19, 2026. DOI: https://doi.org/10.22409/pragmatizes.v16i30.70875.

Introdução

A Política Nacional de Cultura Viva (PNCV) constitui uma das mais importantes iniciativas de democratização cultural no Brasil. Criada em 2004 como programa governamental e posteriormente institucionalizada pela Lei nº 13.018, de 22 de julho de 2014, a política consolidou os Pontos de Cultura como espaços de articulação entre conhecimentos populares e práticas culturais comunitárias, promovendo a valorização da diversidade e o fortalecimento da cidadania cultural. Ao longo de quase duas décadas, a PNCV se tornou referência internacional por seu caráter participativo, colaborativo e em rede, envolvendo sociedade civil, Estado e universidades em processos de construção coletiva.

No contexto das duas décadas de PNCV, foi desenvolvido o projeto de "20 Anos de Cultura Viva: Pesquisa e Formação" pela coalizão de três instituições de ensino superior com reconhecida trajetória na pauta das políticas culturais: Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal Fluminense (UFF) e Universidade Federal do Paraná (UFPR). O arranjo de execução do projeto se deu por meio de um consórcio entre elas, denominado Consórcio Universitário Cultura Viva e o financiamento, pela parceria com o Ministério da Cultura (MinC), especificamente com sua Secretaria de Cidadania e Diversidade Cultural (SCDC). Estruturado por meio de Termo de Execução Descentralizada (TED), o projeto buscou fortalecer a interação entre a execução de políticas públicas e a produção de conhecimento acadêmico, articulando diferentes regiões do país e ampliando a capacidade de interlocução nos territórios no tema dos Pontos de Cultura.

O projeto se destaca pela integração entre o conhecimento acadêmico e o saber tradicional, popular e comunitário[4], advindo das práticas culturais dos Pontos de Cultura. Reafirma a importância da escuta, da participação e da construção coletiva, aliando pesquisadores(as) acadêmicos(as) e ponteiros(as). No âmbito do projeto, que visa

[4] Neste artigo, optamos pela pelo uso de "conhecimentos tradicionais", considerando a própria utilização pelos Pontos de Cultura, que se definem como detentores desse tipo de saber que se liga à comunidade, ao território, aos mestres de suas culturas, às suas lideranças, mas igualmente à sua ancestralidade e identidade. Assim, o termo pode aparecer no decorrer do texto com variações dentro do mesmo campo semântico, ora como "conhecimentos populares", "conhecimentos comunitários", "saberes ancestrais", entre outros. Isso porque não é objetivo deste artigo proceder à diferenciação antropológica dessas noções. O que importa é se tratar de conhecimentos e saberes, estas duas categorias também tratadas como iguais, advindos da dinâmica de base comunitária que caracteriza os Pontos de Cultura.

também contribuir para a atualização programática da PNCV, o trabalho colaborativo em rede possibilitou a análise crítica da trajetória da política e a produção de insumos formativos para sua continuidade e aprofundamento.

Este artigo tem como objetivo apresentar a Cultura Viva como plataforma de atuação acadêmica e evidenciar as atividades do Consórcio como vetores de pesquisa e formação, discutir a metodologia colaborativa desenvolvida e, descrevendo-a, apresentar algumas ações cujos resultados se devem justamente à coerência dessa opção com o sentido conceitual e político de atuação dos Pontos de Cultura no Brasil.

Serão demonstradas três ações, específicas do escopo da UFBA no Consórcio: o Diagnóstico Econômico da Cultura Viva; o Encontro Nacional Cultura Viva 20 Anos; e a ação curricular em comunidade e sociedade (ACCS) Cultura Viva: diálogo de saberes com Pontos de Cultura. São, respectivamente, uma pesquisa, um evento e uma disciplina extensionista: três modalidades compondo um arco exemplificativo no qual a pesquisa-formação de caráter colaborativo se desenvolveu no Consórcio.

Procedimentos metodológicos do processo de pesquisa e formação

O processo metodológico do projeto "20 Anos de Cultura Viva: Pesquisa e Formação" foi estruturado em torno de uma metodologia participativa, que se consolidou como prática transversal às dimensões de pesquisa, formação e produção de eventos acadêmicos e não-acadêmicos, como encontros, seminários, eventos temáticos, debates e congressos. Essa metodologia se baseou no diálogo constante entre as universidades componentes do arranjo, Pontos e Pontões de Cultura, agentes culturais e gestores públicos. A finalidade foi participar esses atores sobre os rumos do processo acadêmico e validar o resultado das ações, valorizando sobretudo a posição dos Pontos de Cultura acerca de cada um de seus temas. Desde o início da atuação do Consórcio, a formulação colaborativa foi uma tônica e uma viga conceitual de sustentação do projeto de pesquisa e formação do Consórcio.

Segundo Morais (2024), o histórico da pesquisa-formação e da pesquisa-formação revela um campo em expansão nas últimas quatro décadas, tanto no Brasil quanto no mundo, consolidando-se como uma abordagem que articula investigação científica e desenvolvimento pessoal e profissional. A diferença entre os termos, embora sutil na grafia, marca linhagens teóricas distintas e momentos históricos específicos. A pesquisa-

formação, grafada com hífen, tem origem na corrente francófona das *Histórias de vida em formação*, nos anos 1980, com autores como Marie-Christine Josso, Pierre Dominicé, Gaston Pineau e Guy Jobert. Fundamentada na pesquisa-ação e na práxis marxista, essa vertente utilizava narrativas de histórias de vida como recurso metodológico na educação de adultos, rompendo com o modelo clássico que separava pesquisador e sujeito observado.

De acordo com Morais (2024), esse movimento ganhou força no Brasil nos anos 1990 e se consolidou nos anos 2000, dialogando com áreas como filosofia (Benjamin, Ricoeur), sociologia (Ferraroti, Bertaux) e história (Goodson). Mais recentemente, surgiu o termo pesquisaformação (grafado junto), proposto por Inês Bragança (2023), e inspirado nos estudos "nos/dos/com os cotidianos" de Nilda Alves. Essa vertente enfatiza a indissociabilidade entre pesquisar e formar e valida o sujeito como protagonista de seu próprio processo de conhecimento, e propondo uma epistemologia crítica e pós-colonial.

Nesse sentido:

> a *pesquisaformação* afirma a indissociabilidade entre a produção do conhecimento científico e os movimentos de transformação que, potencialmente, tocam os sujeitos envolvidos na pesquisa, em uma perspectiva horizontal e dialógica, em que os sujeitos e seus muitos outros atuam de forma implicada na tessitura do conhecimento e formação" (BRAGANÇA *et al*., 2021, p. 17).

No âmbito do projeto "20 anos de Cultura Viva", é possível dizer que os princípios da metodologia pesquisaformação foram aplicados transversalmente nas diversas atividades. Nesse projeto, a pesquisaformação é utilizada para integrar o saber acadêmico ao conhecimento popular dos Pontos de Cultura, servindo como instrumento para a valorização real da troca de saberes como método de formulação.

Com base nessa premissa, para além de formulador acadêmico, foi necessário que o Consórcio também assumisse a função de articulador e mediador. Nos seus eixos de atuação – pesquisa e formação – ele passou a atuar positivamente no sentido do diálogo e da interação com os agentes sociais da Cultura Viva, de maneira a promover instâncias capazes de assimilar suas opiniões em cada uma das atividades acadêmicas geradas. Estas, passaram, assim, a se configurar espaços de circulação de saberes e a mediação entre conhecimento acadêmico e práticas culturais populares. Os eixos instrumentais do projeto "pesquisa" e "formação" passaram a se confundir com sua própria metodologia "pesquisaformadora", condição imprescindível para a geração de seus resultados.

São exemplos de espaços: reuniões de debate e validação de programas, eventos e projetos de pesquisa; oficinas virtuais de formação colaborativa; encontros presenciais ou presença em eventos institucionais voltados ao debate de ações específicas; abertura de formulários online para o envio de sugestões e depoimentos; *lives* (Instagram e Youtube) de apresentação de propostas de ação e debate de resultados; entre outros. Todos estes espaços voltados especialmente aos Pontos de Cultura, com alguns eventualmente destinados a gestores públicos e outros públicos, em diálogo com os pesquisadores do Consórcio e de outros lugares. E cada um destes espaços gerou um relatório ou informação (postagem, publicação) públicos para o acompanhamento da Rede Cultura Viva.

A aplicação do método de formulação colaborativa, especificamente no campo da pesquisa, teve destaque com o Diagnóstico Econômico da Cultura Viva; a pesquisa, para a posterior formação em mapeamento e diagnóstico voltada aos selecionados no edital nº 09/2023 de Pontões de Cultura, lançado pela SCDC/MinC no final de 2023; e o levantamento de produção acadêmica e científica acerca da Cultura Viva e da rede de pesquisadores.

A dimensão formativa foi transversal a praticamente todas as ações acadêmicas do Consórcio, mas pode-se destacar a disciplina em formato de Ação Curricular em Comunidade e em Sociedade (ACCS) denominada *Cultura Viva: Diálogo de Saberes com Pontos de Cultura*, oferecida na Faculdade de Comunicação da UFBA. Vale o registro de uma importante ação do Consórcio, no âmbito da UFF e UFPR: o processo formativo dos Agentes Cultura Viva, com encontros e materiais didáticos, como o *podcast* "Cultura é Viva!"[5], que reforçaram o caráter pedagógico da política.

Essa dimensão formativa não se limitou a capacitações técnicas, mas buscou fomentar reflexões críticas sobre a política cultural, fortalecendo a cidadania e a atuação em rede. E, em toda essa dimensão, o aspecto colaborativo foi determinante.

Assim, cada ação de pesquisa aplicada foi também uma oportunidade de formação e cada atividade formativa contribuiu para a produção de conhecimento, consolidando a lógica de pesquisaformação como marca metodológica do consórcio. Soma-se a essas iniciativas o processo instrutivo dos pesquisadores em formação que participaram ativamente de toda a execução do projeto, de acordo com suas iniciativas e afinidades.

[5] Para mais informações, ver: https://consorcioculturaviva.uff.br/cultura-e-viva/. Acesso em 25 set. 2026.

A intersecção entre esses dois campos foi vivenciada em atividades híbridas do Consórcio, como o Encontro Nacional Cultura Viva 20 Anos e o Encontro Internacional de Pesquisa sobre a Cultura Viva. Esses espaços foram concebidos como momentos de escuta, troca de saberes e construção coletiva, nos quais a produção de conhecimento e a formação se deram simultaneamente.

A prática do projeto acadêmico, portanto, não se limita à soma de ações de pesquisa e formação, mas propõe uma abordagem integrada, em que cada atividade é concebida como oportunidade de aprendizado mútuo, articulação política e fortalecimento da rede Cultura Viva. Essa lógica reflete o compromisso do Consórcio Universitário de Cultura Viva com práticas colaborativas, dialógicas e territorializadas, que reconhecem e valorizam os saberes populares e acadêmicos como igualmente legítimos na construção de políticas culturais transformadoras.

Diagnóstico Econômico da Cultura Viva

O Diagnóstico Econômico da Cultura Viva[6] foi realizado pelo Consórcio Universitário Cultura Viva, no âmbito da UFBA, e pela Secretaria de Cidadania e Diversidade Cultural do Ministério da Cultura (SCDC-MinC). Foi uma pesquisa voltada para a construção coletiva de evidências econômicas com o objetivo de subsidiar e aprimorar a Política Nacional de Cultura Viva (PNCV). O diagnóstico representa não apenas um levantamento técnico sobre a realidade socioeconômica dos Pontos e Pontões de Cultura, mas também um processo pedagógico e formativo. Consolida-se como uma iniciativa integradora ao unir o rigor acadêmico à participação social ativa.

Essa construção colaborativa foi viabilizada, na primeira fase, por meio de seis encontros formativos com Pontões de Cultura. Neles, os ponteiros puderam discutir que tipos de dados socioeconômicos consideravam relevantes para a Rede de Pontos, como formular as questões do formulário de pesquisa para a fácil compreensão das organizações culturais comunitárias, quais eram os indicadores essenciais, como conectar os princípios da economia solidária e comunitária ao escopo da pesquisa, entre outros assuntos. Entre janeiro e maio de 2025, o processo mobilizou 31 Pontões em 20 estados brasileiros. Essa participação ativa trouxe ao formulário de pesquisa, que seria posteriormente aplicado aos próprios Pontos de Cultura, o caráter de proximidade,

[6] Para mais informações, ver: https://pesquisaculturaviva.org/roteiro-form/. Acesso em 22 set. 2026.

familiaridade e acessibilidade que era requerido pela Rede. Além da própria formulação, o processo serviu como validação da metodologia e do programa de pesquisa que seria desenvolvido.

Com isso, o Consórcio promoveu uma educação dialógica de matriz freiriana (FREIRE, 1967; 1979). Essa abordagem permitiu que as comunidades realizassem uma "leitura de mundo" a partir de seus próprios indicadores, fortalecendo a cidadania cultural e a autonomia na gestão dos territórios.

Sob a perspectiva da formação, o diagnóstico operou um deslocamento epistemológico essencial: os agentes culturais deixaram de ser objetos de estudo para se tornarem sujeitos do conhecimento. Neste processo, a construção do conhecimento – no caso, da formulação programática da pesquisa e os seus resultados – não se deu pela transferência (acadêmica), mas pela criação de possibilidades para a autonomia de produção pelos próprios indivíduos, na linha de Paulo Freire. Foram os Pontos de Cultura que decidiram quais questões, dados, informações, evidências e indicadores lhes interessavam e deveriam ser gerados. Este deslocamento epistemológico trouxe a estes sujeitos a possibilidade de serem protagonistas de sua própria formação, ao encarar a universidade como parceira mediadora dos processos e a si mesmos como produtores e avaliadores do resultado. Concretamente, o nível de confiança na dinâmica metodológica aumentou, por parte dos Pontos, que passaram, eles próprios, a balizarem e chancelarem os elementos de pesquisa e, potencialmente, torná-los mais funcionais às suas próprias realidades.

Do ponto de vista acadêmico, o Diagnóstico possibilitou a inserção de estudantes e extensionistas em um processo de pesquisa-ação, no qual a coleta de dados esteve diretamente vinculada à transformação da realidade social. Para isso, além da participação na elaboração do diagnóstico por meio dos encontros formativos, foi criada uma ampla ação de mobilização: a campanha *#MeuPontoMovimenta*. Ela se baseou na ideia de que cada Ponto de Cultura movimenta a economia local e representa muito para o quadro nacional da economia da cultura. Foi uma campanha de adesão, em que os Pontos de Cultura enviaram depoimentos para as redes sociais do MinC e do Consórcio, explicando como movimentam a economia em seus territórios e convocando seus pares a preencherem o formulário de pesquisa. Além dos ponteiros e ponteiras, também participaram da campanha com depoimentos: secretários e secretárias de Cultura dos

estados e municípios, gestores do Ministério da Cultura, parlamentares, lideranças políticas e sociais, pesquisadores e pesquisadoras.

A campanha *#MeuPontoMovimenta* trouxe à dimensão da comunicação e mobilização a própria noção de pesquisaformação e de construção metodológica colaborativa. A ideia de pertencimento à formulação do conhecimento se deu também por meio da mobilização nas redes, que cumpriu papel determinante para o alcance nacional da pesquisa e para o envolvimento da rede de Pontos em sua diversidade e territorialidade em um contexto de sua expansão.

Como resultado da articulação das metodologias participativas, o Diagnóstico Econômico da Cultura Viva consolidou-se como um mapeamento inédito da dimensão socioeconômica da cultura de base comunitária no Brasil. A pesquisa superou amplamente as expectativas iniciais, alcançando 212% da meta amostral estabelecida e revelando a força da mobilização social em torno da política cultural. Com um total de 2.424 respostas válidas, provenientes de 2.084 Pontos e 340 Pontões de Cultura, o diagnóstico atingiu uma capilaridade nacional significativa, abrangendo 867 municípios distribuídos pelas 27 unidades da federação. Trata-se de uma amostra muito significativa, considerando o universo de cerca de 7 mil Pontos e Pontões de Cultura registrados no Cadastro Nacional no início da pesquisa em fevereiro de 2025.

No campo da pesquisa aplicada, o diagnóstico contribuiu para preencher uma lacuna histórica: a ausência de estudos sistemáticos sobre a dimensão econômica da Cultura Viva. Ao mapear formas de organização do trabalho, estratégias de geração de renda, inserção territorial e articulação em rede, a pesquisa deve produzir evidências fundamentais para o aprimoramento da Política Nacional de Cultura Viva (PNCV). Mais do que números, os resultados revelarão[7], a capacidade dos Pontos de Cultura de dinamizar economias locais, fortalecer redes de solidariedade e ampliar impactos sociais.

Na dimensão pedagógica do diagnóstico, destaca-se a participação social como prática de mobilização e construção coletiva. Essa característica transformou o processo de pesquisa em espaço de aprendizagem política e cidadã. Inspirado em Paulo Freire, o diagnóstico reafirmou que comunidades não são objetos de investigação, mas sujeitos cognoscentes, capazes de produzir conhecimento sobre sua própria realidade. Essa perspectiva fortaleceu a autonomia comunitária e legitimou o diagnóstico como

[7] A pesquisa está em desenvolvimento e seus resultados serão divulgados no ano de 2026.

instrumento de política pública.

Nesse sentido, no que toca à aprendizagem que tem a academia com este processo, o Diagnóstico Econômico da Cultura Viva contribuiu para a formação de pesquisadores sensíveis às realidades comunitárias, para a consolidação de metodologias participativas de pesquisa e para a produção de evidências que sustentam políticas culturais de base comunitária. Ao integrar rigor acadêmico e mobilização social, o processo reafirma a importância da extensão universitária como prática transformadora e da Cultura Viva como política pública inovadora.

Encontro Nacional 20 Anos de Cultura Viva

O *Encontro Nacional 20 Anos de Cultura Viva*[8] foi realizado em Salvador, entre 3 e 6 de julho de 2024, e se constituiu como espaço privilegiado de articulação da pesquisaformação. Mais do que uma celebração, o evento funcionou como laboratório metodológico, reunindo Pontos e Pontões de Cultura, agentes culturais, gestores públicos e pesquisadores em um processo de escuta ativa e construção coletiva.

O Encontro funcionou como uma plataforma da metodologia participativa. Nesse sentido:

> a metodologia participativa torna os atores aptos a compartilhar a construção do projeto e seu desenvolvimento; por meio dela é possível efetivar o conhecimento e viabilizar soluções para os problemas detectados, potencializar o espírito crítico através de discussões e outras formas de atuação coletiva, bem como se criam condições que permitem melhor interação entre participantes de camadas populares e da universidade. Essa metodologia está relacionada a uma postura ética, com vistas à emancipação e à autonomia dos participantes. Embora a metodologia sempre possua um lado instrumental (que se dá através da sistematização e dos procedimentos), o lado ético é fundamental. (BEDIN, 2012, p. 04).

Ele teve quatro eixos organizadores: Memória, Reflexão, Futuro e Celebração. Com base neles, a programação foi formulada em diversas reuniões entre o Consórcio, o MinC e os ponteiros. Foi composta de mesas de debates, com atores importantes da história da Cultura Viva; atividades autogestionadas dos Pontos; celebrações e espetáculos propostos pelos próprios ponteiros; atos políticos – como a celebração de 20 anos do programa e 10 anos da Lei Cultura Viva e Iber Cultura Viva; e momentos formativos.

No que tange à formação colaborativa, o programa incluiu: (i) painel dos Grupos

[8] Para mais informações, ver: https://culturaviva20anos.org/. Acesso em: 22 set. 2026.

de Trabalhos (GTs) de Pontões de Cultura com devolutiva da escuta realizada em evento anterior, em Brasília, voltado à apresentação do protocolo de dados do mapeamento e discussão de critérios e estratégias para a busca ativa de novos pontos; (ii) grupos focais de mapeamento (4 grupos), voltados para coleta de informações sobre o cadastro dos Pontos, critérios e estratégias de expansão da rede; (iii) Grupos focais de formação (2 grupos), dedicados à estrutura temática da série *Cultura é Viva!*[9] e ao episódio piloto já produzido.

Para o evento, o desenvolvimento da metodologia de pesquisa e formação com os Pontões de Cultura do edital nº09/2023 foi marcado por uma dinâmica dialógica entre universidade, Comissão Nacional de Pontos de Cultura (CNPdC) e Ministério da Cultura. Inicialmente, a equipe analisou os projetos selecionados no Edital nº09/2023 e acompanhou, durante a IV Conferência Nacional de Cultura, a agenda dos Pontos e Pontões de Cultura, exercitando a escuta das propostas aprovadas e priorizadas.

Essa etapa preparatória foi seguida por uma série de encontros fundamentais: em maio de 2024, uma reunião com cerca de 30 integrantes da CNPdC, mediada pela SCDC/MinC, para apresentação do projeto; no mesmo mês, nova reunião com representantes da CNPdC e da SCDC/MinC, voltada à definição das ações comemorativas e formativas; em maio do mesmo ano, houve um encontro no XIII Seminário Internacional de Políticas Culturais (FCRB), com a SCDC/MinC, debatendo frentes de trabalho e entregas relacionadas à pesquisa e formação; e, entre 3 e 5 de junho de 2024, ocorreu o *1º Seminário Pontões de Cultura: Política de Base Comunitária Reconstruindo o Brasil*, em Brasília, ocasião em que o Consórcio apresentou o panorama dos projetos dos Pontões e dados preliminares sobre a presença da PNCV na aplicação orçamentária da PNAB.

Depois destas etapas, o processo formativo culminou no Encontro Nacional Cultura Viva 20 Anos, que reuniu Pontos e Pontões de Cultura de diferentes regiões do país em um processo de formação colaborativa, articulado pelo Consórcio Universitário Cultura Viva (UFBA, UFF, UFPR) em parceria com o Ministério da Cultura.

No geral, o Encontro cerca de 700 pessoas. O público foi diverso em termos de faixa etária, gênero e escolaridade, com representantes de todas as regiões do país. A metodologia adotada privilegiou a escuta ativa e a construção coletiva, permitindo que os Pontos e Pontões contribuíssem com sugestões para atualização do cadastro nacional,

[9] A ação de formação dos Agentes Cultura Viva esteve a cargo da frente UFF-UFPR do Consórcio.

critérios de busca ativa e estratégias de expansão da rede.

Entre os principais resultados do Encontro, evidenciam-se as propostas voltadas à ampliação da acessibilidade do Cadastro Nacional dos Pontos de Cultura, contemplando alternativas como versões offline e traduções para línguas indígenas; as sugestões destinadas ao aprimoramento dos campos de identificação, das modalidades e dos públicos atendidos; a discussão acerca da segurança e da soberania dos dados, que resultou na constituição de um Grupo de Trabalho voltado à governança compartilhada; e, por fim, a consolidação de insumos estratégicos que visam fortalecer a articulação entre a universidade, os Pontões e o Ministério da Cultura.

ACCS Cultura Viva e extensão com os Pontos de Cultura

O método colaborativo do Consórcio também alcançou o âmbito da extensão universitária. Aqui, a abordagem do Projeto "20 Anos de Cultura Viva: Pesquisa e Formação" seguiu duas frentes complementares e articuladas: de um lado, com os bolsistas (extensionistas) vinculados diretamente ao projeto; de outro, com os estudantes de graduação da Universidade Federal da Bahia que participaram da disciplina "Cultura Viva: diálogo de saberes com Pontos de Cultura". A análise contempla tanto as experiências de formação e pesquisa vivenciadas pelos extensionistas, responsáveis pela sistematização e articulação metodológica, quanto as contribuições dos estudantes, cuja participação se expressa no aprendizado prático, no envolvimento comunitário e no fortalecimento da política cultural.

Metodologicamente, essa frente contribuiu para a integração entre o Plano Nacional de Extensão Universitária com a Política Nacional de Cultura Viva (PNCV), promovendo um espaço de diálogo entre saberes acadêmicos e saberes tradicionais. Tal articulação encontra respaldo na concepção de Paulo Freire (1979), para quem a educação deve ser entendida como prática de liberdade, fundada no diálogo e na problematização da realidade. A extensão, nesse sentido, não se reduz à transmissão de conhecimento, mas se configura como processo de educação popular, em que universidade e comunidade constroem conjuntamente novos horizontes de compreensão. Marilena Chauí (2003) reforça que a universidade deve assumir compromisso social e cultural, articulando ensino, pesquisa e extensão em práticas indissociáveis, voltadas à democratização do conhecimento e à valorização da

diversidade cultural.

A extensão universitária no Brasil tem sido compreendida como dimensão indissociável do ensino e da pesquisa, conforme Krebs (2022), que destaca a indissociabilidade como pressuposto fundante da formação emancipatória dos estudantes e da transformação social. O documento de referência da Extensão em Participação Social (2025) também reforça que a extensão deve ser entendida como prática de difusão e diálogo de saberes.

No âmbito do projeto "20 Anos de Cultura Viva: Pesquisa e Formação", a extensão universitária assumiu papel estratégico na formação de novos pesquisadores e na indução de processos de interação intergeracional. Essa interação se deu pela aproximação entre mestres da cultura popular, jovens lideranças comunitárias e estudantes universitários, configurando um espaço de troca de saberes que ressignifica tanto o ambiente acadêmico quanto os territórios culturais.

Na primeira frente, formada por bolsistas de graduação e pós-graduação, o projeto contribuiu para a consolidação de um processo de pesquisa e formação multidisciplinar, articulando produção acadêmica e práticas comunitárias. Os extensionistas desempenharam papel central na elaboração e sistematização de metodologias participativas, bem como na organização de eventos, oficinas e na produção de materiais didáticos e científicos voltados à valorização da cultura comunitária. Eles próprios estabeleceram diálogo direto com ponteiros e ponteiras, lideranças comunitárias, mestres e mestras da Cultura Viva e artistas dos Pontos de Cultura. Com isso, assimilaram, na prática, a troca almejada pelo projeto, ao aplicar os conhecimentos adquiridos na academia com a vivência real com estes atores.

A imersão de pesquisadores em formação, oriundos de diversos cursos e áreas do conhecimento, contribuiu para o desenvolvimento de uma perspectiva interdisciplinar capaz de integrar saberes da comunicação, antropologia, sociologia, economia, artes e gestão cultural, entre outras áreas do conhecimento. Essa diversidade acadêmica enriqueceu a análise da Política Nacional de Cultura Viva (PNCV), permitindo que os bolsistas compreendessem suas múltiplas dimensões – institucional, social, econômica e cultural.

Além disso, a atuação dos extensionistas possibilitou a criação de um instrumental metodológico participativo, que se materializou em práticas de campo, sistematização de

dados e devolutivas às comunidades. Por meio dessa frente, o projeto não apenas contribuiu para a formação de novos pesquisadores, mas também induziu processos de interação intergeracional, nos quais mestres da cultura popular, jovens lideranças comunitárias e estudantes universitários compartilharam práticas, memórias e perspectivas. Essa dinâmica ampliou a compreensão sobre a diversidade cultural brasileira e consolidou a metodologia de pesquisaformação como prática transformadora, capaz de articular conhecimento acadêmico e protagonismo comunitário.

A segunda frente consistiu na oferta da disciplina "Cultura Viva: diálogo de saberes com Pontos de Cultura"[10], vinculada ao Programa de Extensão Universitária de Ação Curricular em Comunidade e em Sociedade (ACCS) da Universidade Federal da Bahia. A proposta da disciplina foi fortalecer a integração entre a universidade e comunidades culturais de base popular, especialmente os Pontos de Cultura – espaços estruturantes da Política Nacional de Cultura Viva (PNCV) – promovendo um intercâmbio efetivo entre saberes acadêmicos e saberes tradicionais.

Desenvolvida em caráter colaborativo, a disciplina contou com a participação ativa de mestras e mestres das culturas tradicionais, lideranças comunitárias e jovens atuantes na cultura local, reconhecendo-os como sujeitos de conhecimento e co-formadores do processo educativo. Além disso, envolveu pesquisadores, docentes e gestores culturais, ampliando o diálogo interinstitucional e interdisciplinar em torno das políticas culturais e das práticas comunitárias. Ao articular diferentes sujeitos, territórios e experiências, a disciplina configurou-se como um espaço formativo plural, orientado pela perspectiva do diálogo de saberes, da valorização da diversidade cultural e da construção compartilhada do conhecimento.

A ACCS Cultura Viva foi ofertada no primeiro semestre de 2025 e se mantém no ano de 2026, recebendo discentes de diversos cursos de graduação, entre eles: Produção em Comunicação e Cultura, Jornalismo, Bacharelado Interdisciplinar em Artes, Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, Museologia, História, Filosofia, Letras Vernáculas, Ciências Econômicas, Bacharelado em Administração Pública e Gestão Social, Artes Visuais, Música Popular e Direito. A disciplina foi estruturada a partir de três eixos articulados: o caráter interdisciplinar, o compromisso social e a relação dialógica com as

[10] Para mais informações, ver: https://pesquisaculturaviva.org/extensao/. Acesso em: 22 set. 2026.

comunidades. Esses elementos não se apresentam de forma isolada, mas constituem dimensões complementares de uma proposta formativa que integra ensino, pesquisa e extensão em diálogo com a Política Nacional de Cultura Viva (PNCV).

Do ponto de vista interdisciplinar, a ACCS mobilizou diferentes campos das ciências humanas e sociais – como sociologia, antropologia, estudos culturais, comunicação e produção cultural – para abordar temas relacionados à cultura comunitária, aos saberes tradicionais, à gestão e produção culturais e às políticas públicas no campo da cultura. Além de promover o intercâmbio entre o conhecimento científico produzido na universidade e os saberes cultivados nas comunidades, especialmente por mestras e mestres e lideranças da Cultura Viva. Essa troca constituiu um dos pilares centrais da disciplina, pois possibilitou aos estudantes compreenderem a complexidade dos contextos culturais locais e integrarem tais aprendizados às suas práticas acadêmicas e profissionais. Essa articulação ampliou a compreensão sobre os processos de formulação e implementação das políticas culturais, evidenciando seus desafios e potencialidades nos territórios[11].

O compromisso social da disciplina se alinhou diretamente aos princípios da PNCV, que prioriza a valorização da cultura de base comunitária e o fortalecimento das identidades coletivas. Nesse sentido, o reconhecimento das mestras e mestres da cultura popular ocupa lugar central. Ao participarem de aulas, oficinas e apresentações, esses sujeitos passam a ocupar o espaço acadêmico como produtores de conhecimento, ressignificando o lugar pedagógico tradicional e promovendo uma relação horizontal de aprendizagem entre universidade e comunidade.

A ACCS também buscou fomentar o empoderamento e a autonomia comunitária, incentivando o protagonismo de jovens e lideranças na construção e gestão de suas práticas culturais. Ao envolver estudantes nas atividades dos Pontos de Cultura, a ACCS contribuiu para a qualificação técnica e política dos agentes culturais locais, fortalecendo sua capacidade de atuação e incidência nas políticas públicas. Paralelamente, a experiência promoveu, entre os estudantes, o desenvolvimento de uma consciência crítica, empatia e uma visão acadêmica mais humanizada, preparando-os para atuar de

[11] Alguns registros da ACCS podem ser vistos em: https://www.youtube.com/watch?v=gYcKpkFb2AI; https://www.instagram.com/p/DMNMEh_OG7j/?img_index=1; https://www.instagram.com/p/DL51DtwSXu2/?img_index=1; https://www.instagram.com/p/DJnXYJjRWkl/?img_index=1. Acesso em: 22 set. 2026.

forma ética e sensível em processos de transformação social.

Por fim, a relação dialógica com as comunidades estabeleceu um processo contínuo de troca de saberes e práticas, promovendo enriquecimento mútuo entre universidade e territórios culturais. As visitas aos Pontos de Cultura, tanto na capital quanto no interior da Bahia, possibilitaram aos estudantes uma imersão nas dinâmicas culturais locais, ampliando sua compreensão sobre a diversidade cultural brasileira. A presença de mestres da Cultura Viva nas atividades acadêmicas fortaleceu a valorização do saber popular no ambiente universitário, enquanto o estudo compartilhado das demandas culturais permitiu a construção conjunta de alternativas mais aderentes às realidades comunitárias.

As experiências de formação e pesquisa vivenciadas pelos extensionistas revelam a potência da metodologia extensionista, baseada na troca de saberes e na construção coletiva de conhecimento. O processo de formação e pesquisa desenvolvido pelo Consórcio Universitário Cultura Viva, articulado com a ACCS, evidencia a relevância da extensão universitária como prática acadêmica capaz de articular saberes e promover transformação social.

Considerações finais

Ao longo de duas décadas, a PNCV consolidou-se como uma das principais iniciativas de acesso à cultura no Brasil, institucionalizando os Pontos de Cultura como elos entre conhecimentos populares e práticas comunitárias. A política tornou-se referência internacional por seu caráter participativo e em rede, promovendo a cidadania cultural e a valorização da diversidade. Apesar de sua importância dentre as políticas culturais, a PNCV passou por um processo de congelamento durante o período de desmonte cultural sofrido pelo Brasil de 2017 a 2022. O hiato foi caracterizado pelo desmonte das políticas culturais no Brasil. Nesse intervalo, houve redução significativa de recursos, descontinuidade de editais e enfraquecimento dos mecanismos de participação social. Esse contexto evidenciou a vulnerabilidade das políticas culturais diante de conjunturas políticas adversas e reforçou a necessidade de consolidar instrumentos de governança compartilhada e de institucionalização mais robusta.

A retomada da PNCV, a partir de 2023, recolocou em pauta a importância da articulação entre Estado, sociedade civil e universidades. Nesse cenário, a criação do

Consórcio Universitário de Cultura Viva, envolvendo UFBA, UFF e UFPR, em parceria com o Ministério da Cultura, foi estratégica para mediar o diálogo entre a execução das políticas e a produção de conhecimento acadêmico. O projeto "20 Anos de Cultura Viva: Pesquisa e Formação" reafirmou a potência da Política Nacional de Cultura Viva (PNCV) como plataforma de diálogo entre saberes populares e acadêmicos, consolidando práticas de pesquisa e formação que se retroalimentam. O projeto favoreceu a construção de metodologias participativas de pesquisa e formação, capazes de integrar rigor científico e protagonismo comunitário, ampliando a dimensão pedagógica da política e transformando o processo de investigação em espaço de aprendizagem coletiva.

A metodologia de pesquisa e formação aplicada pelo Consórcio mostrou-se decisiva para analisar a trajetória da política e projetar seus caminhos futuros. Ao integrar rigor científico e mobilização social, o projeto produziu evidências inéditas sobre a dimensão socioeconômica da Cultura Viva e, simultaneamente, formou pesquisadores e agentes culturais comprometidos com realidades territoriais concretas. Inspirada em Paulo Freire e nas tradições da educação popular, essa abordagem desloca o eixo da pesquisa tradicional – centrada na objetificação dos sujeitos – para uma perspectiva dialógica, na qual comunidades são reconhecidas como produtoras de conhecimento, capazes de interpretar, sistematizar e transformar sua própria realidade.

Essa inflexão epistemológica amplia a dimensão pedagógica da política cultural. O processo investigativo deixa de ser apenas instrumento técnico e converte-se em espaço de aprendizagem coletiva, fortalecimento político e construção de autonomia. A produção de dados, a realização de encontros formativos e a sistematização de experiências passam a compor um ciclo integrado de reflexão e ação, no qual a política pública é continuamente aprimorada pela escuta ativa e pela participação social qualificada.

Por fim, destaca-se a relevância estratégica da tríade universidade–sociedade civil–Estado. Quando essas instâncias atuam de forma articulada, ampliam a legitimidade das políticas públicas, fortalecem sua sustentabilidade e potencializam sua capacidade de transformação social. O projeto demonstra que a Cultura Viva é mais do que uma política cultural setorial: constitui-se como campo de experimentação metodológica, espaço de inovação institucional e laboratório de democratização do conhecimento.

Ao reafirmar o valor da diversidade cultural, da governança compartilhada e da produção colaborativa de conhecimentos, a experiência recente da PNCV aponta para um

horizonte em que políticas culturais não sejam apenas instrumentos de fomento, mas dispositivos estruturantes de cidadania e desenvolvimento territorial. A consolidação de metodologias participativas e de redes interinstitucionais robustas será, portanto, elemento central para garantir que a Cultura Viva continue a inspirar práticas de gestão cultural mais democráticas, inclusivas e socialmente comprometidas nas próximas décadas.

Referências

BEDIM, Juçara Gonçalves Lima. Metodologias participativas na extensão universitária: instrumento de transformação social. *Agenda Social* (UENF), v. 6, p. 1-20, 2012. Disponível em: https://ufrb.edu.br/proexc/images/curricularização/biblioteca/Metodologias_participativas_na_extensão_universitária.pdf. Acesso em: 15 dez. 2025.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Memoriais em contextos de formação e pesquisa: abordagens narrativas e (auto) biográficas. *Linhas críticas*, v. 29, 2023. Disponível em: https://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-04312023000100308. Acesso em: 22 set. 2026.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; PRADO, Guilherme do Val Toledo; ARAÚJO, Maria da Silva. Sobre pesquisaformação, itinerários e diálogos. *Educação Unisinos*, v. 25, 2021. Disponível em: https://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/22262. Acesso em: 22 set. 2026.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Lei nº 13.018, de 22 de julho de 2014. Institui a Política Nacional de Cultura Viva e dá outras providências. Brasília, DF, 2014. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13018.htm. Acesso em: 23 fev. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. *Extensão em participação social*: documento de referência. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2025. Disponível em: https://www.gov.br/secretariageral/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/diversos/EXTENSOEMPARTICIPAOSOCIALDOCUMENTODEREFERENCIAMEC.pdf. Acesso em: 16 fev. 2026.

CHAUÍ, Marilena. A universidade pública sob nova perspectiva. *Revista Brasileira de Educação*, n. 24, p. 5-15, set./dez. 2003. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbedu/a/n5nc4mHY9N9vQpn4tM5hXzj/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 26 fev. 2026.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GOHN, Maria da Glória. Teorias sobre a participação social: desafios para a compreensão das desigualdades sociais. *Caderno CRH*, Salvador, v. 32, n. 85, p. 63-81, jan./abr. 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ccrh/a/Lc4THRCyDjMdgWmHHJhpdzb/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 06 fev.2026.

KREBS, Josiane Roberta. Extensão universitária no Brasil: conceitos, políticas e contradições. *Revista +E 12*, v.17, 2022. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/366453238_Extensao_universitaria_no_Brasil_conceitos_politicas_e_contradicoes/fulltext/63d29cc9d9fb5967c208ad40/Extensao-universitaria-no-Brasil-conceitos-politicas-e-contradicoes.pdf. Acesso: 26 fev.2026.

LONGAREZI, Andrea Maturano; SILVA, Jorge Luiz da. Pesquisa-formação: um olhar para sua constituição conceitual e política. *Revista Contrapontos - Eletrônica*, v. 13, n. 3, p. 214-225, set./dez. 2013. Disponível em: https://periodicos.univali.br/index.php/rc/article/view/4390/2757. Acesso em: 15 dez. 2025.

MORAIS, Joelson de Souza. Autobiografia, narrativa e pesquisaformação: princípios, conceitos e finalidades nas pesquisas qualitativas em educação. *Revista de Educação PUC-Campinas*, v. 29, 2024. Disponível: http://educa.fcc.org.br/pdf/edpuc/v29/2318-0870-edpuc-29-e2412953.pdf. Acesso em: 25 fev.2026.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. 18ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TURINO, Célio. *Ponto de cultura*: o Brasil de baixo para cima. São Paulo: Anita Garibaldi, 2009.

VILUTIS, Luana. *Economia Viva*: Cultura e Economia Solidária no trabalho em rede dos Pontos de Cultura. Tese (Doutorado) - Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, 2015. Disponível em: http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/30703. Acesso em: 25 fev. 2026.

Entre conocimientos tradicionales y académicos: caminos de investigación, formación y colaboración en el Consórcio Universitário Cultura Viva

Resumen: Este artículo tiene como objetivo presentar la Cultura Viva como una plataforma de actuación académica, destacando sus actividades como vectores de investigación y formación, y discutir la metodología desarrollada por el Consorcio Universitario Cultura Viva (Consorcio) en el marco del proyecto "20 Años de Cultura Viva: Investigación y Formación", respecto de acciones específicas de la UFBA. La iniciativa, fruto de la colaboración entre la Secretaría de Ciudadanía y Diversidad Cultural (SCDC) del Ministerio de Cultura y el Consorcio Universitario Cultura Viva (UFBA, UFF y UFPR), pretende, entre otros objetivos, integrar los saberes académicos y tradicionales, también comprendidos de manera amplia, como populares y comunitarios. El enfoque metodológico, de matriz freireana, promovió un desplazamiento epistemológico al transformar a los agentes culturales en sujetos de conocimiento y fortalecer la ciudadanía cultural mediante el diálogo y la participación social activa. La investigación es emblemática como instrumento de articulación entre Estado, universidad y sociedad civil con el fin de generar evidencias que sustenten las políticas públicas de cultura, especialmente las de base comunitaria, como un campo vital de inclusión productiva y transformación social.

Palabras clave: cultura; Cultura Viva; investigación y formación; Puntos de Cultura; Consorcio Universitario Cultura Viva.

Between traditional and academic knowledge: pathways of research, education and collaboration within the Consórcio Universitário Cultura Viva

Abstract: This article aims to present Cultura Viva as a platform for academic engagement, highlighting its activities as vectors for research and training, and to discuss the methodology developed by the Cultura Viva University Consortium (Consortium) within the project "20 Years of Cultura Viva: Research and Training", with regard to specific actions of UFBA. The initiative, resulting from the collaboration between the Secretariat for Cultural Citizenship and Diversity (SCDC) of the Ministry of Culture and Cultura Viva University Consortium (UFBA, UFF, and UFPR), seeks, among other objectives, to integrate academic and traditional knowledge, also broadly understood as popular and community-based knowledge. The methodological approach, grounded in a Freirean framework, promoted an epistemological shift by transforming cultural agents into subjects of knowledge and strengthening cultural citizenship through dialogue and active social participation. The research is emblematic as an instrument for articulation among the State, the university, and civil society, aiming to generate evidence that supports public cultural policies, especially community-based ones, as a vital field for productive inclusion and social transformation.

Keywords: culture; Cultura Viva; research and training; Culture Points; Cultura Viva University Consortium.